



MONTIJO

SEMANÁRIO REPUBLICANO REGIONALISTA
(Defensor dos Interesses Locaes)

Composto e Impresso
na Tipografia SIMÕES — SETUBAL

Propriedade da Empresa
de Publicidade de «Montijo»

Redacção e Administração
Praça 1.º de Maio — MONTIJO

ESTANTE
Director :
Dr. M. Paulino Gomes
Editor :
J. A. Xavier Lopes
Administ. :
Joaquim Ameixa
ASSINATURAS :
Série de 10 num. \$300
ANUNCIOS
(Contracto especial)
VISADO PELA CENSURA

AVENGA

Aqui, ali, acolá...

Pacificação

Aqui, ali, acolá...

O mundo desperta aos clamores dos sinais vindos de toda a parte. Ontem um caso que falou alto; hoje um incidente que não deixou dúvidas; para amanhã, reclama-se um acontecimento definitivo na gerência dos povos. E as massas estão suspensas à espera da última novidade.

Quando surgirá o momento culminante, em que caia o pano, e cada um dos comparsas se exhiba, a nossos olhos, no papel que lhe destinaram?

Quando é que os magnates, sentados nas cadeiras marchetadas de plenos poderes, descem ao contacto da multidão e falam a verdade? Mas queremos ouvir a Verdade — verdadeira, e não a charlatanice costumada

Foi há dias Mussolini que prometeu, no seu orgulho napoleónico e contemplando a sua obra, que daqui por 30 anos os jovens fascistas de hoje, futuros homens de amanhã, teriam as rédeas da governança de Itália. Parabens aos rapazes italianos! Não esmorecer, apoiar o sr. Mussolini e pronto!

Triste ridículo!

Herriot, — chefe do governo francês — veio de abalada até à nossa vizinha Espanha, e mascarou o caso, dizendo que tinha vontade, de há muito, de dar um abraço a Alcalá Zamora. Trouxe dentro das suas malas a gran-cruz da Legião de Honra e, no momento em que viu o Presidente espanhol, deitou-lhe ao pescoço a insígnia. Estás laçado!

E's meu amigo ou não és!

A França precisa da Espanha, hein!

Tenho aqui uns papeluchos que dizem respeito aos trabalhadores dos nossos países, mas isto é simplesmente para despistar.

Entre as nossas colónias africanas está a Espanha e o Mediterrâneo, escutas? E's meu amigo ou não? E Herriot, já de volta à sua pátria, extasiou-se por instantes a contemplar a maravilha dos Pirineus, alvaide correndo pela montanha abaixo, sublimemente poesia da Natureza entoando hinos que seduzem os homens. Só Paris electrizado, mecânico, estonteante, despertou do belo sonho o seu embaixador.

E a Alemanha dos «capacetes d'aço» e dos «nazis» dum Hindenburg e dum Von Papen; dum general Von Schleicher e dum Hitler, encontra-se numa situação crítica.

Já lá vão três eleições, e talvez marche a quarta — mais uma, me-

Há situações na vida social dos povos que, não obstante, as afirmações feitas pelos seus detentores, quasi sempre provocam no espírito das multidões uma perturbação que não corresponde àquelas mencionadas asserções.

Fala-se em pacificação e, em vez de se procurarem os meios tendentes à efectivação dessa pacificação, age-se, pelo contrário, de modo a permitir que a intranquilidade pública aumente e a sociedade viva em constante e incómodo sobressalto.

Muitas vezes não é porque directamente essa acção se exerça no sentido propositado de estabelecer dissídios e separações. Muitas vezes ainda não são os principais detentores das situações os que promovem e efectivam o mal-estar social.

Há sempre no seio da Humanidade, no âmbito dos agrupamentos sociais, elementos diversos que, dizendo-se partidários desta ou daquela forma política, estão no entanto, sempre dispostos a colocar acima de tudo o seu espírito faccioso e malévo, aproveitando-se da simpatia, que lhe dispensam, ou da apatia, que lhes concedem, para saciarem os seus anseios de vingança e os seus propósitos de malquerença. São esses os verdadeiros agitadores da intranquilidade e do mal-estar, aqueles que, não servindo nunca um ideal de Bondade e de Justiça, porque o não possuem, se imiscuem, contudo, em todas aquelas situações que julgam à sua alma de transviados da verdadeira Humanidade, deturpando o sentido verdadeiro das aludidas situações.

O homem tem tido sempre, através da existência do mundo, essa malévoa tendência consigo. A experiência da vida faz-nos crêr, desde há muito, que a velha frase latina — *homo homini lupus* (o homem lobo do homem) — está longe de vêr o seu fim, nas relações sociais duns para com os outros, nesta impressionante e desoladora vida terrena.

Não há instrução, não há educação que sirva para totalmente extinguir no espírito humano essa má-vontade que nos impele uns contra os outros, procurando sempre diminuir e vexar o nosso semelhante, na ância única de lhe sobrepormos a nossa individualidade egoísta. Isto não quer dizer, porém, que a instrução e a educação não sejam elementos purificadores e úteis na vida dos povos. Muito contrariamente pensamos nós que, sem elas, o mundo seria, no jôgo desvairado de interesses, que por toda a parte se nota, pior do que o mitológico reino de Plutão, onde as almas dos pecadores ardem perétuamente no ajuste final das suas contas com o supremo autor do universo.

Foi contudo para nós desconsolador, inteiramente desanimador o que, há pouco tempo ainda, lemos na imprensa mundial acerca dos factos violentos sucedidos na pacífica pátria de Guilherme Tell, na terra angusta da Sociedade das Nações, bérço da educação social mais completa e exemplo mais completo da instrução popular.

Ali também, como em toda a parte, finalmente, se cometeram, excessos, que foram até ao ponto de serem lançadas bombas contra a sede duma Corporação de Bombeiros de Salvação Pública.

Não está certo! Não é crível quasi a execução de tão monstruoso gesto!

E assim verificamos nós, cá como lá, lá como no resto da Humanidade, que a pacificação está muito longe de ser um facto e que os povos, longe de se imanarem e de se amarem, vão infelizmente, seguindo a vereda tradicional da luta de interesses, disputando-os pelas armas, a ferro e fogo, entre os destroços dos próprios filhos e os dos seus semelhantes.

Assim constatamos que há sempre minorias perturbadoras no seio dos agregados sociais, às quais as massas se não opõem e antes lhes permitem abusos acusadores da intranquilidade pela sua inércia em deter a marcha criminosa daqueles agitadores.

P. G.

nos uma — e o mesmo rum-rum que se escuta de há tempos. Quando os «capacetes d'aço» marcham nas ruas de Berlim, a gente alegra-se, corre para os vêr, sente palpitar em si uma força que a impele, A Alemanha terá vontade de retomar a sua faceta imperialista?

Tudo é possível nesta hora!

E, vogando ao longo do Atlântico, frisando depois as terras *vankees*, encontramos, Hoover derrotado, prestes a abandonar a Casa Branca, para a ceder, pelo quarténio de 1933-1937, ao seu rival democrata Franklin Roosevelt.

Em 1928, Hoover, protótipo do homem que sabe negociar e rodear a sua casa de prosperidades, venceu Al Smith.

Entretanto, a crise abraçou a todos. E, presentemente, os Estados Unidos chegou uma nova esperança.

Hoje, mais do que nunca, é preciso entregar o govêrno dos povos a homens honrados, dignos, competentes de sentirem o pêso do fardo que transportam aos ombros.

Os nossos dias marcam na História um período completamente novo. Não é um plágio de época alguma. Não é uma repetição duma fase culminante. A História não se repete porque a civilização progride. E os homens vão tirando partido do meio que os rodeia, modificando a seu modo a maneira de agir, trazendo coisas inéditas a este traslado.

Aqui, ali e acolá há sinais insofismáveis duma época, cujo princípio já nós conhecemos, e cujo fim, nos obriga a ter fixa na nossa frente, uma grande interrogação.

Jorge Antunes

Coronel Manuel Maria Coelho

Encontra-se doente, com certa gravidade, este ilustre republicano, um dos chefes do movimento revolucionário de 31 de Janeiro de 1891 e actual director político do nosso muito presado confrade «Diário da Noite».

Fazemos sinceros e ardentes votos pelo rápido restabelecimento de tão inclito cidadão, que à causa da República tem vindo prestando sempre, não obstante a sua idade já um pouco avançada todo o seu carinho e todo o seu esforço.

Não esquecer...

Como já vai decorrido bastante tempo e nunca mais em tal se falou, eu venho à *carga* para que esse assunto não fique em esquecimento.

Refiro-me ao monumento ao saudoso Dr. Manoel da Cruz Júnior.

Quando há aproximadamente um ano um semanário de Montijo trouxe a lume este assunto, imediatamente apareceu alguém que se prontificou a subsidiar a construção do monumento, visto as importâncias angariadas para esse fim, não atingirem a quantia necessária.

Pois bem; nesse momento movimentou-se o assunto, vieram arquitectos, escolheu-se local apropriado, falou-se, falou-se, e... tudo emudeceu como que, por encanto.

¿Esmoreceria a pessoa que tal oferta fez?

Tal não creio.

Sugeriu, novo obstáculo? Derrúbe-se. Então pelo que se espera?

Que mais anos passem sobre a morte desse pai dos pobres?

Que o esqueçamos? Não pode ser!!

O Dr. Cruz é e será, sempre lembrado por toda a gente, por todos aqueles que sintam palpitar dentro de si, um coração humano, por ele não foi só os pobres, foi o também para ricos, para os opulentos, a todos eles dava a parcela do seu muito saber, sem que por isso auferisse grandes honorários.

Todos choraram a sua perda, em todos os olhos se viam lágrimas de saudade, lágrimas de dor, na memorável noite do seu funeral!!

Sentado à minha secretária, e escrevendo este artigo, está-se passando através os meus olhos o que foi essa imponente apoteose feita pelo povo desta laboriosa vila!!

¿E é possível esquecer esse cortejo de dor?

¿E' possível haver corações endurecidos que de tal se não lembrem?

E' tempo pois de se prestar a última homenagem a esse que em vida foi, além dum sapientíssimo clínico, um grande filantropo, e a quem todo o povo desta terra, bastante deve!!

Unamo-nos todos, sem distinção de classes e comunguemos no mesmo ideal, pagando uma dívida que se encontra em aberto, a esse belo coração que nos deixou, para que toda a gente quando passe, junto a esse monumento o respeito, venere e o recorde com saudade, porque *recordar é viver!!*

E para que se não diga em toda a parte que Montijo é uma terra de ingratos e de insensíveis!!

José Estêvão S. Carvalho

A' margem das touradas

No vibrante jornal «*Répública*», que se publica em Lisboa sob a direcção do denodado republicano sr. Ribeiro de Carvalho, no seu número 723, de 28 de Outubro findo e com o título que nos serve de epígrafe, encontramos «uma carta aberta a um grupo de aficionados do Montijo», composto pelos srs. dr. Joaquim Navarro de Paiva, Luiz Salgado, António Salgado, José Sampaio, Manuel Amaro, Frederico Ribeiro e João Lopes. Nessa carta, que é deveras interessante, o seu autor, que a subscreve com o pseudónimo Zé Sincero, o qual encobre o nome próprio de um distinto alicionado e crítico taurino, refere-se em termos cativantes a uma manifestação de simpatia que, em regresso de Badajoz, os nossos conterrâneos lhe fizeram pela imparcialidade das suas críticas e agradece-lhes sensibilizadamente essa prova de consideração e de concordância.

FOOT-BALL

No campo do «Onze Unidos»

Um jogo como muitos...

Onze Unidos, 3 — Seixal, 0

Não se esqueçam que o desafio começa às 3 horas e 45 minutos. Quem, como nós, lêsse esta frase, escrita no programa do jogo de domingo, julgaria que a Direcção do Onze Unidos entrara no bom caminho — começar o encontro à hora marcada. Afinal o jogo começou... meia hora depois. Decididamente isto parece brincadeira... Nós, porém, tomamos o caso como uma falta de consideração por toda a gente que frequenta o campo dos vermelhos e muito especialmente pelo público que paga o seu bilhete...

O facto do encontro não ter começado à hora marcada, deu origem a que se não jogassem os noventa minutos regulamentares

O árbitro do segundo tempo, sr. Onofre Carapinha, deu o jogo por terminado oito minutos antes do tempo legal porque... era já noite cerrada... Esta decisão só nos merece aplausos. Não se tratava dum jogo oficial e o árbitro entendeu, e muito bem, que era absolutamente condenável jogar às escuras...

O encontro, como «association» valeu muito pouco. Teve, no entanto, fases de entusiasmo, que conseguiram fazer esquecer a falta de técnica.

Os vermelhos dominaram durante três quartas partes do jogo. Enfiaram três bolas e mereceram-nas, de facto. Pena é que nenhum dos «goals» mereça a classificação de bom. O segundo foi o único obtido com uma regular jogada do Onze Unidos. Os outros foram resultados da incompreensível exibição do guarda-redes seixalense.

O primeiro «goal» foi obtido por Dimas, no primeiro tempo, na marcação dum livre perto da «grande área». A bola entrou, devagar, pelas redes sem que o guarda-redes, parado a olhar para ela, se mechesse.

As outras bolas foram marcadas no segundo tempo, uma por Humberto, de cabeça, rematando um passe, também de cabeça, feito por Dimas e outra por Carapinha, de recarga a uma bola que o «keeper», carregado por Humberto, em vez de atirar para longe, deixou cair junto às redes.

O Seixal apresentou-nos um «team» desconjuntado, sem qualquer ligação. Os defesas não se entendem com os médios nem estes com os avançados. O seu melhor homem foi o defesa esquerdo, jogador duríssimo, sem ser, porém, incorrecto. O médio centro e o interior esquerdo também nos agradaram. Os visitantes podiam ter marcado uma bola... que não era injustiça nenhuma. No Unidos destacaram-se Vieira, Humberto, Aguadeiro e Fernandes. Os seus piores homens foram Vieira II que esteve sempre «a ver» o jogo dos outros e Segismeno, jogador com bom pontapé mas que nada percebe do seu lugar.

O encontro teve dois árbitros. Na primeira parte serviu de juiz o sr. Mário Silva que demonstrou conhecer pouco do officio...

No segundo tempo arbitrou o sr. Onofre Carapinha que agradou. Acertadíssima a decisão de terminar com o encontro antes da hora, evitando assim que, com o pretexto da escuridão, se pudessem cometer faltas...

Paulino Gomes Junior

Anunciar no «Montijo» é ter a garantia dos seus produtos bem reclamados.

Insignificâncias

... As mais honestas

(Aos «Momentos» literários de Paulino Gomes Júnior)

«... muitas vezes não são as mulheres que se perdem, são os homens que as deixam perder se...» exclamava numa revolta mal contida «esse admirável psicólogo Dr. Fontura», num grupo íntimo de amigos, ao lembrar-se do desprendimento e abandono a que era votada pelo marido, a sentimental e insinuante Leonor de Lencastre.

«Sim, tens razão!... — comentou por fim, o seu grande amigo João de Sousa, inseparável companheiro das noites de «tertúlia» — são sempre por causa dos homens que as mulheres se perdem, mas o que não tem razão de ser, é uma mulher perder-se por causa do marido! Lá pelo marido ser doido não é motivo para a mulher o ser também!...

Tu sabes muito bem, que a Sociedade tem leis, e impõe preconceitos, que nós temos o dever de acatar, e embora a época que atravessamos seja um pouco dissoluta, por enquanto ainda se não convencionou que a mulher possa ter os mesmos direitos que o homem, cometendo as leviandades que quizer e a arranjando os amantes que lhe apetecer — como se fôsse o acto mais natural d'este mundo — sem quebra para a sua honra e para a sua dignidade.

Não, meu velho, não comparêmos, porque a diferença é grande!... Se um homem casado comete a leviandade de arranjar uma amante, o mais que lhe podemos chamar é: bandalho... incorrecto... doido... etc., mas, se uma mulher casada, comete a indignidade de também querer um amante, o nome que lhe serve de estigma para toda a vida, é bem mais desonroso, não é verdade?!

E' uma mancha que nunca mais a apagará enquanto viver, e que a ha-de enlodar sempre até ao fundo da alma!...

Que a meu ver as leviandades dos maridos não servem de norma para as desonestidades das mulheres!

Porque quando uma mulher é fundamentalmente honesta, virtuosamente digna, pode o marido ser um perfeito biltre, cometer toda a casta de baixezas, perversidades, aberrações, inclusivê, até tentar vendê-la, que ela, calcinando com lágrimas a sua dôr, sofrerá tudo, mas o seu dome conservar-se-á sempre limpo e a sua honra será sempre impoluta.

Eu conheço algumas mulheres que pela sua excessiva bondade, complacência e inquebrantável dedicação pelos maridos, sabem relevar com uma estoica indiferença todas as leviandades que elles praticam, perdoando lhes mesmo as as próprias mancebias... e no entanto essas mulheres, que na opinião de muitas outras, são verdadeiros farrapos de sentimentos, na minha, cingindo-me à tua frase: «são os homens que as deixam perder se», estas mulheres são verdadeiras Deusas da Honra.

Que para mim, as mulheres verdadeiramente honestas, são aquelas que, assediadas a toda a hora com propostas vantajosas e sedutoras — que a perversidade egoista do homem sabe insuflar, quando as presente com a sua dignidade ofendida — se arrastam quasi á beira do abismo duma traição, e teem forças no seu instinto para se dominarem a tempo, evitando assim de macular o seu nome de mulher.

Estas, para quem a sua honra era já quasi tão frágil como uma levíssima bola de sabão, e que tiveram alma para a revestir ainda a tempo duma invulnerável couraça de ferro, é que eu admiro e aprecio!...

Porque as outras, as duma fidelidade absoluta, com todas as suas aspirações satisfeitas; sem a mais pequena contrariedade aos seus desejos; impondo a sua vontade, a quem por direito

Notícias pessoais

Fazem anos:

Hoje a menina Maria Domécildes Relógio Gregório Fiusa, galante filhinha do nosso muito estimado conterrâneo e assinante sr. Joaquim Maria Gregório, residente em Lisboa.

— Na quarta feira a menina Maria Dorotéa da Silva Gouveia, filhinha do nosso conterrâneo sr. António Maria Júnior.

No sábado a Sr.^a D. Joaquina Teodora Gomes, extremosa Mãe do nosso director e João Soeiro Garroa.

Os nossos cumprimentos.

Doente:

Tem passado bastante mal o filhinho mais novo do nosso presado colaborador sr. António Rosado, ao qual desejamos um pronto restabelecimento.

Obrigações dos contribuintes no mês de Novembro corrente

Com a devida vénia transcrevemos do interessante jornal «O Contribuinte», estas informações:

Contribuição predial de 1931-32

Pagamento, com juros de móra, das 1.^{as} prestações semestrais e das 1.^{as} e 2.^{as} trimestrais, tôdas iguais ou superiores a 50000,

Contribuição industrial 1932-33

Pagamento, com juros de móra, das 2.^{as} prestações trimestrais, iguais ou superiores a 100000, se as 1.^{as} foram pagas no seu vencimento.

Imposto profissional de 1932-33

Pagamento, com juros de móra, das 2.^{as} prestações trimestrais iguais ou superiores 100000 e respeitantes ás profissões liberais, se as 1.^{as} foram pagas no seu vencimento.

Efemérides da semana

No dia 24 de Novembro de 1762 nasceu no Rio de Janeiro o grande homem de letras dr. António Pereira de Sousa Caldas.

devia impôr o seu dominio; e sentindo em seu redor uma gélida indiferença pela sua belesa... quem sabe lá se algumas delas, se não tivessem encontrado no casamento, todas essas comodidades que sonharam, se seriam assim verdadeiramente honestas como são?!...

... E que perigos encontraram na vida?...

¿Tiveram porventura alguém que as tentasse?... Sonharam por acaso com a embriaguez do pecado?... Sentiram alguma vez o calor estonteante das palavras ternas e apaixonadas?... Ou ouviram algum dia o mais pequeno galanteio de sedução?...

Não!!... Por conseguinte não se sabe, se seriam sempre esposas exemplares, ou pecadoras incorrigíveis!...

Olha, sabes, meu velho, para terminar este arrazoado todo, que, com certeza, já te deve estar massando, pondera bem no que eu te digo: se á primeira infidelidade conjugal da parte do marido, a mulher se esquece dos seus deveres de espôsa, podes crer, meu amigo, que muito poucas seriam as mulheres casadas que se poderiam orgulhar de serem honestas!...

E assim terminou João de Sousa, nesse grupo íntimo de amigos, os seus rígidos comentários, motivados pela alusão do seu velho companheiro Dr. Fontura, ao abandono a que era votada pelo marido, a sentimental e insinuante Leonor de Lencastre.

7-11-932.

João Carlos

Casa mortuária

Fomos há dias acompanhar o funeral dum amigo nosso e — o que não fazíamos há bastante tempo — entrámos na casa mortuária do nosso cemitério. Ficámos verdadeiramente espantados com o estado de desarranjo dessa casa e com a sua falta de limpeza. Nela vimos bastantes objectos em desordem, impróprios do lugar em que repousam, por algum tempo, os restos mortais dos nossos parentes e dos nossos amigos, lixo em abundância pelo chão e tijolos desligados e tirados do solo, numa desagradável exhibição de desleixo e de incúria, para que chamamos a atenção da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do nosso concelho.

Um achado e um bom gesto

O fio de ouro cujo achado noticiámos no passado número do nosso semanário foi já entregue á sua dona Deolinda Santos, criada de mês do restaurante República, desta vila, a qual o reclamou, tendo demonstrado que lhe pertencia. A entrega foi feita pelo nosso director na presença do seu achador António Baptista da Silva Araújo, que a dona do fio quis gratificar, mas que nada aceitou.

Falecimento

Na quarta-feira passada faleceu nesta vila o sr. Francisco da Silva Russo, pae dos nossos amigos srs. Domingos da Silva Russo e Francisco da Silva Russo Júnior e sogro do nosso também amigo sr. João Sequeira, a quem apresentamos as nossas condolências.

Agradecimento

Pantaleão da Silva e seus sobrinhos agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a sua estremosa esposa e tia á sua última morada.

Montijo, 21 de Novembro de 1932.

Anúncio

(1.ª publicação)

No dia 27 do corrente, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Rua Dr. Afonso Costa, desta vila, e pelos autos de execução fiscal que a Fazenda Nacional move contra os herdeiros de Tereza Joaquina, de Sarilhos Pequenos, freguezia da Moita, vai pela segunda vez á praça, para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima de metade do valor abaixo mencionado, o seguinte:

Um prédio mixto, situado no lugar de Sarilhos Pequenos, que se compõe de casas terreas, terra de sementeira, adega, abegoaria e palheiro, tem o valor de 82.589\$48 e vai á praça por 41.294\$74.

Pelo presente e respectivos editais são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 4 de Novembro de 1932.

O Escrivão do 3.º Ofício,

João Frederico de Brito Figueiróa Júnior

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. Raposo

Anuncio

(1.ª publicação)

No dia 27 do corrente, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Rua Doutor Afonso Costa, desta vila, e pelos autos de execução hipotecária que Herminio das Neves Ferreira de Aguiar, de Lisboa, move contra Tomé Rodrigues Condinho, mulher e outra, dos Brejos da Moita, freguezia da Moita, vão pela primeira vez á praça, para serem arrematados por quem maior preço oferecer acima do valor da avaliação, os seguintes bens:

1.º — Uma fazenda, composta de terras de sementeira, casas e arvoredos, no sitio do Brejo, freguezia da Moita, avaliada em 17.000\$00. — 2.º — Uma fazenda composta de terras de sementeira, com arvoredos, no sitio do Brejo, freguezia da Moita, avaliada em 18.000\$00. — 3.º — Uma fazenda, no sitio do Brejo, freguezia da Moita, foreira, anualmente, em 5\$30, a 4 galinhas, com laudemio de dezena, a D. Miguel Plácido de Sampaio Melo e Castro, de Lisboa, avaliada em 15.654\$00. — 4.º — Uma fazenda, de terras de sementeira, com vinha, arvoredos de fruto e casas, no sitio das Formas, freguezia da Moita, foreira, anualmente, em 13\$08, com laudemio de dezena, a D. Antonio Sampaio Pina Brederode e esposa D. Maria Luiza de Souza Holstein, avaliado em 10.738\$40.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 3 de Novembro de 1932.

O Escrivão do 3.º Ofício,

João Frederico de Brito Figueiróa Júnior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

ANUNCIO

(Única publicação)

No dia 20 do corrente mez de Novembro pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e pelos autos de carta precatoria vinda da 1.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, extraída dos autos de execução hipotecária que Herminio das Neves Ferreira de Aguiar, de Lisboa, move contra Augusto Maria Martins e mulher, e outros, vae pela primeira vez á praça para ser arrematado por quem maior lance oferecer acima de metade do valor da sua avaliação, o seguinte: — Um prédio urbano e rustico de casas em mau estado, terras de sementeira, arvoredos de fruto, vinha e poço, sito no lugar do Cabeço Verde, em Santo Antonio da Charneca, freguezia de Palhaes, desta comarca, descrito na Conservatoria do Seixal sob o n.º 1203, a fls. 27 verso no livro B 4, que vae á praça no valor de 2.500\$00.

Pelo presente e respectivo edital são citados quaesquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 11 de Novembro de 1932.

O Escrivão do 1.º ofício,

Alvaro Baptista Pereira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. Raposo

ANUNCIO

(1.ª publicação)

No dia 27 do corrente mez de Novembro pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e pelos autos de execução por custas que o Ministério Público move contra Maria Matilde Cebola Leiria, residente em Alcochete, vae pela segunda vez á praça para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor de metade da sua avaliação, o seguinte:

Uma fazenda composta de terra de sementeira e vinha, no sitio do Vale dos Mouros, freguezia de Alcochete, descrita na Conservatória desta comarca sob o n.º 7221, a folhas 107 do livro B-17, que vae á praça no valor de 2.000\$00.

Uma morada de casas com lojas e aguas-furtadas, na rua António Cardoso, da vila de Alcochete, descrito na Conservatória desta comarca sob o n.º 2850, a folhas 48 do livro B-8, que vae á praça no valor de 1.000\$00.

Uma terra de sementeira na Guarda do Canto do Pinheiro, freguezia de Alcochete, descrita na Conservatória desta comarca sob o n.º 7223 a folhas 107 verso do livro B-17, que vae á praça no valor de 1000\$00. — Pelo presente e respectivo edital são citados, como credores incertos, os herdeiros do credor João Bento Maria, casado, proprietário, morador que foi nesta vila, e bem assim quaesquer outros credores incertos, para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 11 de Novembro de 1932.

O Escrivão do 1.º Ofício

Alvaro Baptista Pereira

O Juiz de Direito,

J. Raposo

Agradecimento

Elisa Freitas de Oliveira e seu marido, Francelina Freitas Mimoso, seu marido e filhos, agradecem reconhecidos a todas as pessoas que se interessaram pelas melhoras durante a doença que vitimou sua Mãe, sogra e Avó, Emilia da Conceição Freitas, e bem assim a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o funeral da desditosa senhora.

VENDEM-SE

Armazens e terrenos próprios para fábrica de cortiça da Estação do Caminho de Ferro e Caes de embarque marítimo.

Para informações dirigir-se a FERNANDO AUGUSTO REPAS

MONTIJO

VENDE-SE

Uma fazenda de boas terras no Córte do Pena.

Trata-se com Pedro Narciso da Silva.

VENDE-SE

Telha de Alhandra, em 2.º mão. Pedra de alvenaria para caboucos.

Tratar com Francisco José da Silva — MONTIJO.

J. GODINHO

Oficina de canteiro e escultura

Especializado em construções de jazigos, ossarios de capelas, mausoleus, campas, epitafios, limpeza e reparações dos mesmos. Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil, tais como: Pias, poiais de pote, lava louças, lava copos e marmores polidos para estabelecimentos e mobiliario.

Preços modicos

Estrada do Lavradio, 8

(Perto do Cemiterio)

BARREIRO

ANUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 20 de Novembro próximo pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta Comarca e pelos autos de execução por custas que o Ministério Público move contra Manuel Nicolau, também conhecido por José Morais, solteiro, agricultor, residente no sitio do Forno do Vidro, freguezia da Moita, desta comarca, vae pela primeira vez á praça para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da sua avaliação, o seguinte: — Uma porção de terra de sementeira, com um barracão, situado no sitio do Forno do Vidro, freguezia da Moita, descrito na Conservatória desta comarca sob o n.º 9588, no livro B-26, que vae á praça no valor de 12.000\$00.

Pelo presente e respectivos editais são citados quaisquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 28 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 1.º ofício,

Alvaro Baptista Pereira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. Raposo

LEILÃO

Em casa de Carleta Barbosa Ferra, rua dr. Manuel da Cruz Júnior

No dia 27 DE NOVEMBRO, pelas 14 horas, será posta em arrematação, adjudicando-se a quem maior lance oferecer, uma fazenda composta de terra de sementeira, vinha e arvoredos de fruto, com uma casa de arrecadação, no sitio do Carodes, desta freguezia.

Não convindo ao actual proprietário o maior lance oferecido será a fazenda retirada da praça e procedendo-se oportunamente a outra.

Para mais esclarecimento dirigir-se a José Narciso Ferra Júnior, Montijo.

VENDE-SE

Casa com quatro óptimas divisões e quintal sita no Bairro Vila Maria (antigo Bairro dos Carros), desta vila.

Tratar com Augusto da Silva, Largo do Laranjo, Montijo.

Mannheimer V. C.

Companhia Alemã de Seguros

FUNDADA EM 1879

CAPITAL: 8.000.000 (marcos)

Cincoenta e seis mil contos
(ao cambio de 7\$00)**Sociedade Portuguesa
de Seguros**

FUNDADA EM 1900

CAPITAL: 2.000.000\$00

Sun Insurance Office

Companhia Inglesa de Seguros

FUNDADA EM 1710

CAPITAL: 2.500\$000 (libras)

Duzentos e cinquenta mil contos
(ao cambio de 100\$00)Representadas por: **Joaquim Freire Caria** **MONTIJO**

Em ligação directa com os melhores Brokers de Londres.

Agente segurador do importante grupo alemão

"DEKADE"**(SEGUROS EM TODOS OS RAMOS E EM TODAS AS MOEDAS)****CASA DAS NOVIDADES**

DE

Francisco Vicente LucasEsta casa é a que maior sortido tem
em bonets para homem e creançasmeias,
peugas, artigos de malha, e lãs.Colossal sortido em Bijouterias, Perfu-
marias. Brinquedos, Artigos para brindes,
Retrozaria e Papelaria.**A CASA QUE MAIS BARATO VENDE** | Confrontem os nos-
sos preços

Rua Almirante Reis, 65 a 67 — MONTIJO

Depósito Geral de Tabacos

NACIONAES E ESTRANGEIROS

FÓSFOROS E PAPEIS DE FUMAR

TELEF. 17

António Victorino Rodrigues, sucessor

*Ferragens, Papelaria e miu-
— dezás —*20, R. Guerra Junqueiro, 22
MONTIJO**MAQUINA "SINGER"**

Vende-se.

Em bom estado.

Informa esta Redacção.

Chapeus de senhora*Transformações em
todos os modelos.**Perfeição e rapidez: 10\$00**Tingir: 2\$50, só na***CHAPELARIA DA MODA****MONTIJO****Mercearia, Fazendas e Tabacos**

DE

JOSÉ ANTONIO DE FARIA

Rua Teofilo Braga, 67 — MONTIJO

FAZENDASARRENDAS: José Maria de
Mendonça — MONTIJO.A única casa especializada com ofi-
cina própria para o fabrico de cha-
peus e concertos em todos os formatos.**LUCAS & GUERREIRO L.****Colossal Sortido de Chapela-
ria, Camisaria e Gravataria***A Casa que mais barato vende*

Confrontem os nossos PREÇOS

CHAPELARIA DA MODA

Rua Afonso Pala, 17 a 21 — MONTIJO

Paulino Gomes**ADVOGADO****Montijo**